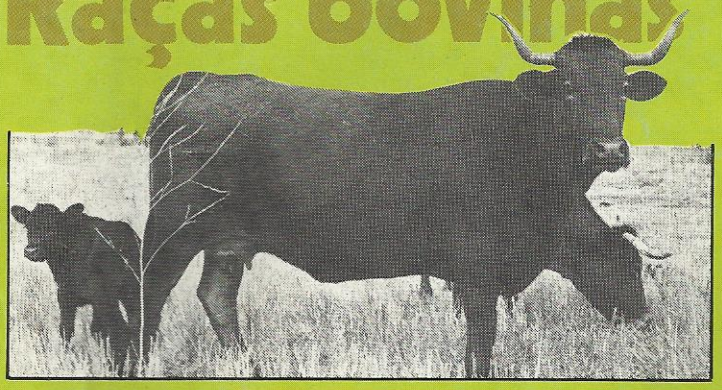
Raças bovinas



o País Agrícola em Portugal

ANO VI • N.º 69 • Fevereiro de 1989 • Preço 125$00

KARATE
INSECTICIDA



KARATE Insecticida piretróide indicado no combate entre outras pragas: escaravelho e roscas da batateira; lagartas, nóctuas e mosca branca da couve e do tomateiro; piral e traças da vinha; piral e roscas do milho.

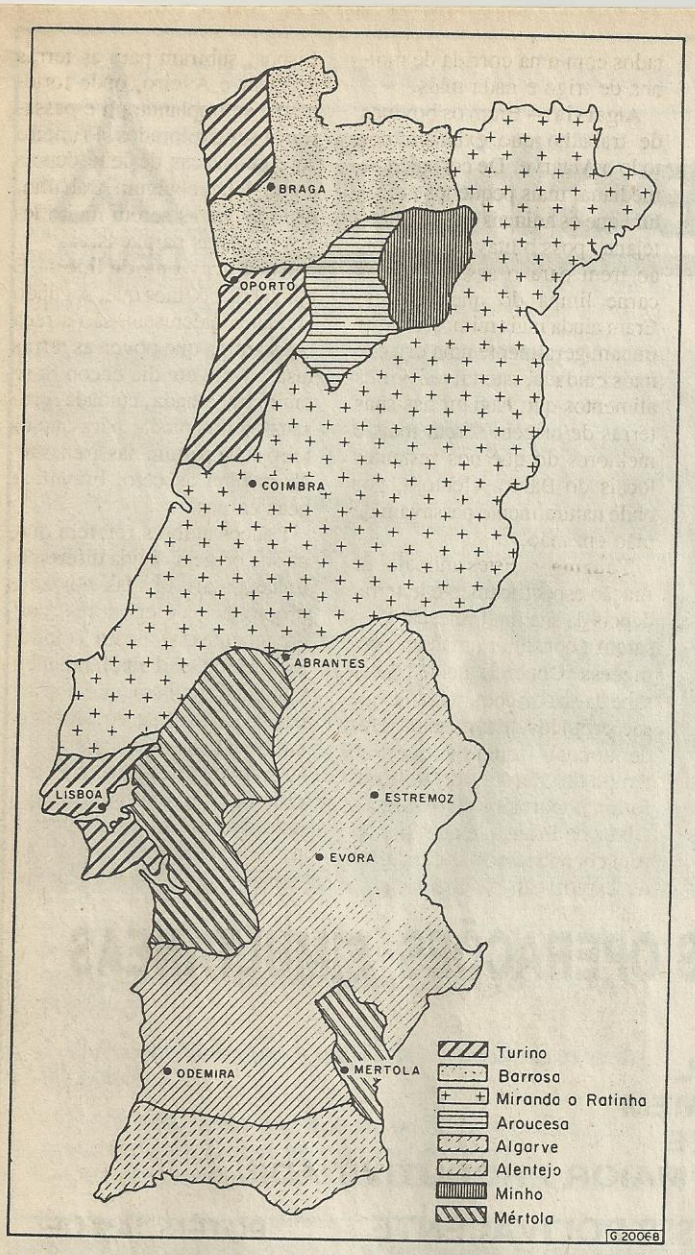
KARATE — Um insecticida distribuído por ICI-Valagro.

ICI Valagro *bons produtos, bons resultados*

SEDE: AV. D. CARLOS I, 42-3º — 1200 LISBOA • TEL. 60 23 74 - TELEX 15007 ICIVAL P - FAX 66 37 68
FILIAIS: NORTE — RUA DO PINHAL MIÚDO - LUGAR DA JUNQUEIRA - VILAR DO PARAÍSO
4405 VALADARES • TEL. 71 39 95 - TELEX 26574 ICIPOR P
CENTRO E SUL — LARGO DA ESTAÇÃO DO CF - VALA DO CARREGADO
2580 ALENQUER • TELS. 829 57/8/9 - TELEX 43266 QUIMAG P

Raças bovinas em Portugal

C.H. Gomes Ferreira*



DADO serem vários os bovinos que povoam o nosso País, constituindo uma amálgama por falta de cuidado com os cruzamentos, especialmente as nossas raças autóctones, vale a pena apresentar aqui a relação com as características específicas de cada uma.

Faz-se, por isso, também um pouco de história, referindo raças que vêm de tempos recuados. Por tal razão, dado, no caso de animais de trabalho, estarem a ser postos cada vez mais de parte, substituindo-os pela maquinaria, preferimos usar uma linguagem do passado, mesmo que, em certas zonas, possa tratar-se do presente.

Minhota ou galega — para trabalho e carne que existia, como o seu nome indica, no Minho e que certamente era originária da província espanhola da Galiza, mas que se fixou e multiplicou naturalmente por aquelas zonas. O seu peso era mediano, assim como a sua estatura e cornadura.

Maronesa — De funções mistas (carne, leite e trabalho), oriunda do Marão e que povoava aquela região, estendendo-se por Trás-os-Montes e parte do Alto Douro.

Barrozã — Animais de funções mistas (carne, trabalho e leite) e que se espalhava pela região do Barroso, Minho e distrito do Porto, com cornadura muito grande.

Mirandesa — Animais bovinos de trabalho, oriundos de Miranda do Douro, onde nasciam para, em vitelos, descerem para as terras de Leiria e Pombal, para serem recriados, os quais depois de já estarem emparceirados (e a trabalhar, sobre os cinco seis anos), vinham para a região Torrejana (o actual Oeste), onde se faziam «montanhas» de carne, dada a boa alimentação que tinham e o exercício físico a que as pesadas lavouras os obrigavam. Bois já feitos, a maioria das vezes já com os «joelhos de boi», eram vendidos para a região saloia (a dos arredores de Lisboa), para depois de mais uns anos de trabalho acabarem no talho, pesando em vivo cada boi mais de mil quilogramas.

Arouquesa — Eram os bovinos oriundos da região de Arouca. Em tempos passados os

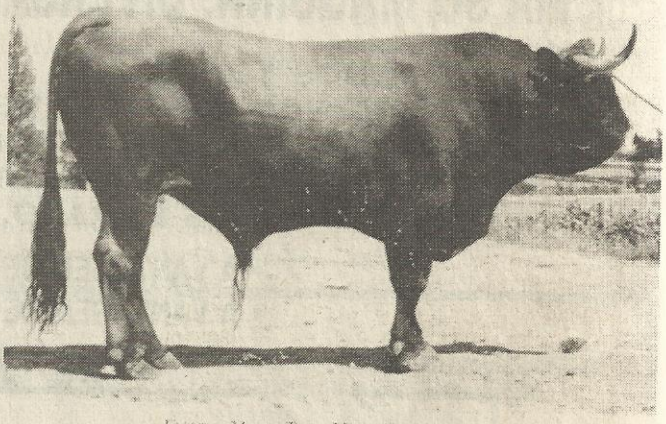


FIGURA 34. — Toro Miranda o Ratinha.

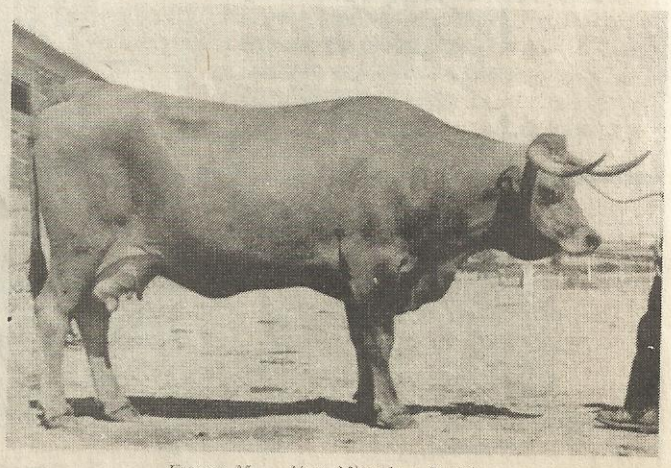


FIGURA 35. — Vaca Miranda o Ratinha.

Foto: Estación nacional portuguesa de cría de ganado

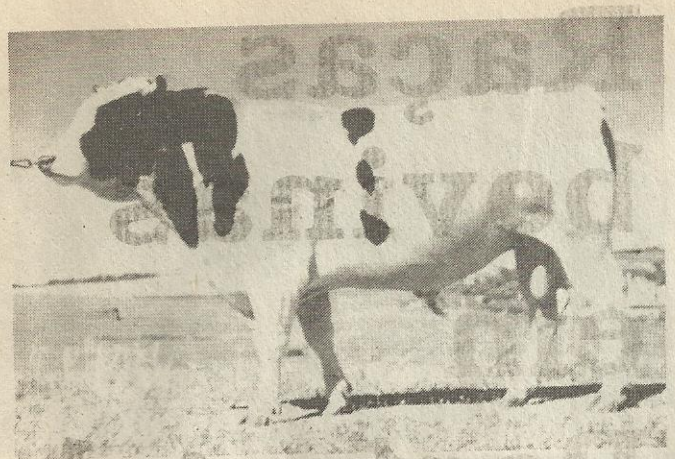


FIGURA 36 — Boi Turino

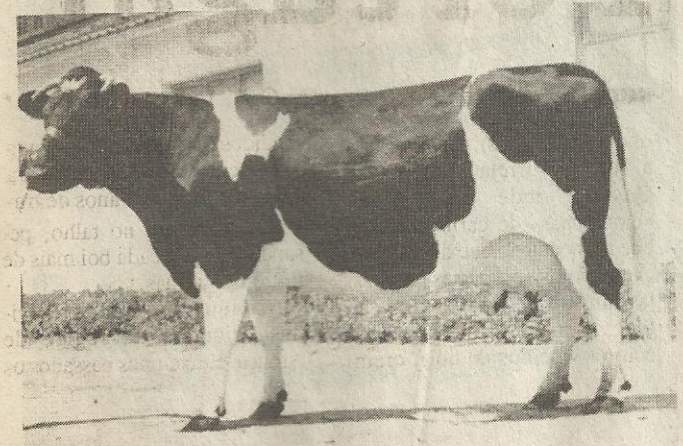


FIGURA 37 — Vaca Turina

Foto Direcção nacional portuguesa de criação de animais

principais núcleos estendiam-se pelos Concelhos e zonas de Arouca e de São Pedro do Sul. De estatura, cornadura e corpolência geralmente mediana, pesando sobre os 400 e 450 kgs, quando muito poderiam ultrapassar em vivo os 550 a 600 kg. São animais de função mista, dóceis para tracção, de boas carnes e boa função lactígena.

Vaca do Jarmelo — Animais de pelagem castanho claro ou muito claro. Corpolência muito pequena, lembrando a raça inglesa «Jersey», mas de configuração muito específica e diferente daquela, possuindo pouco peso, perna curta, com o seu todo sobre o ligeiro e originário das terras da Guarda, situadas como que no prolongamento da Serra da Estrela.

Não sabemos se, hoje em dia, ainda existe algum exemplar puro ou se pelo contrário desapareceu completamente. Eram animais de montanha dando, em proporção ao seu peso e tamanho, muito leite de alto teor gorduroso que possibilitava o fabrico de bons queijos, algo semelhantes ao afamado «queijo da Serra». É possível até que, desse facto, industrialmente aparecesse o tipo de queijo hoje mais corrente até que o próprio queijo puro de leite de ovelha da Serra da Estrela e que comercialmente é vendido como «queijo» tipo Serra.

Mertolengo — No Alentejo havia os Mertolengos, bovinos oriundos da região de Mértola, animais muito chavelhudos, por vezes, duros de trato, por terem remeniscência de sangue bravo.

Eram aproveitados para lavrar e para transportes em carros de bois, mas engatados à alentejana. Eram assim animais de trabalho, os quais acabavam no talho já velhos e cansados, pesando em vivo sobre os mil quilogramas. Davam, porém, um bom índice de aproveitamento.

Alentejano — Animais de trabalho e carne, que povoavam as terras do Alto Alentejo, em especial as zonas de Évora. Eram animais fortes, de corpolência mediana, pesando menos que os Mertolengos ou Mirandeses, mas mais resitentes e que, muitas vezes, eram alimantados com uma corrida de moinha de trigo e nada mais.

Algarvia — Eram os bovinos de trabalho que existiam por todo o Algarve. De corpolência mediana, mais pequenos em altura que os animais da raça alentejana, possibilitavam, porém, ao irem para o assogue, mais carne limpa do que aqueles. Eram ainda mais mimosos e que tinham geralmente uma criação mais cuidada, isto talvez por os alimentos que haviam nas suas terras de origem serem mais e melhores do que nos restantes locais do Baixo Alentejo, por onde naturalmente passavam de mão em mão.

Tourina — Estes animais, de função especificamente leiteira, depois da sua multiplicação passaram a constituir uma raça portuguesa. Concretamente não se sabe da sua origem. julga-se que são oriundos de alguns núcleos de animais leiteiros que, no tempo de Marquês de Pombal, foram importados da Holanda e talvez da França, e que, por terem encontrado boas condições de exploração na chamada região «saloia» dos arredores de Lisboa, subiram para as terras de Ovar e Aveiro, onde fortemente se implantaram e passaram a ser explorados. Primeiro só como vacas de leite depois como leite e algum trabalho, dado as terras serem muito leves naquelas paragens.

Raça brava ou de lide — É a linha de bovinos que, segundo alguns zootécnistas, são a raça mais antiga que povoa as terras lusas. Hoje em dia encontra-se muito trabalhada, cuidada, cruzada e alimentada, para que os toiros que pairam nas arenas tenham bom aspecto, bravura e boas carnes.

Poucos autores referem que, na sua origem, havia diferentes linhas, mais ligadas aos seus proprietários e criadores, concretamente do vale do Tejo, do Sado e do Guadiana fundamentalmente, se bem que mesmo nas terras do vale do Mondego também existissem.

Eram e são animais que precisam de largueza para criarem unha e resistência, a par de boas pastantes naturais e, por isso, habitaram naturalmente as margens dos nossos maiores rios e

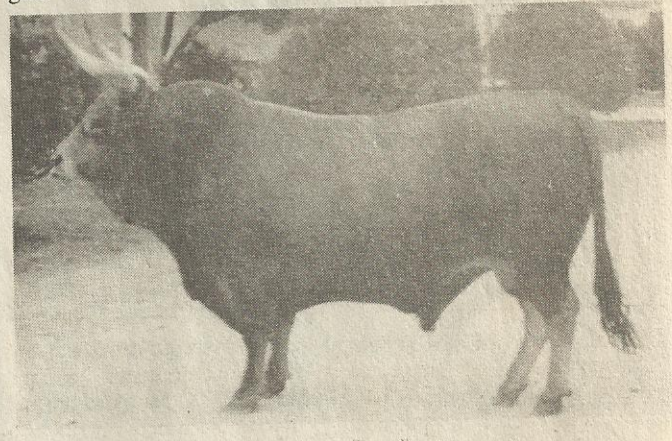


FIGURA 38 — Toiro Barrosã

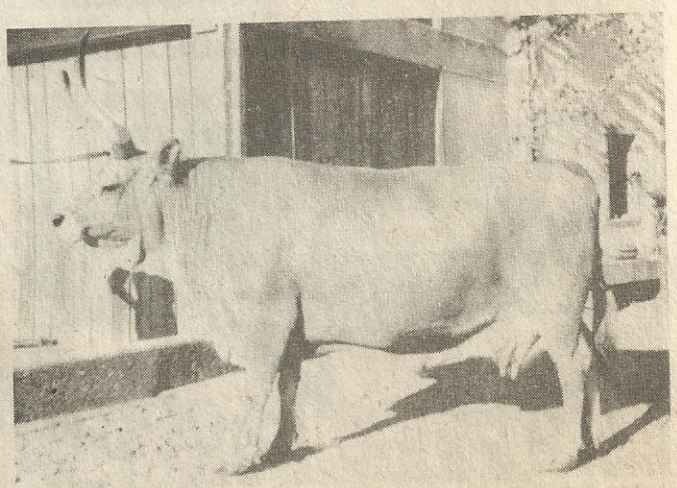


FIGURA 39 — Vaca Barrosã

Foto Direcção nacional portuguesa de criação de animais

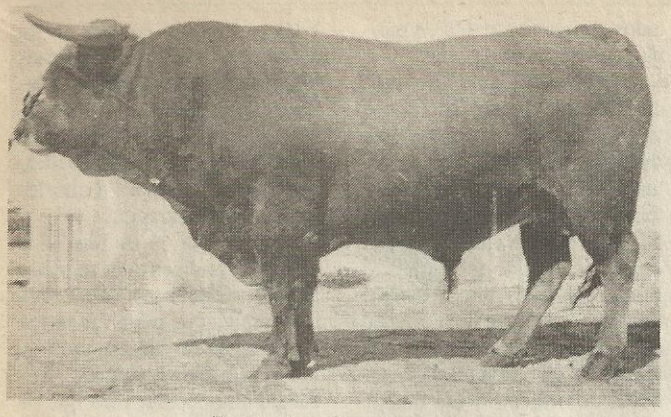


FIGURA 40. — Toro Arouquesa.

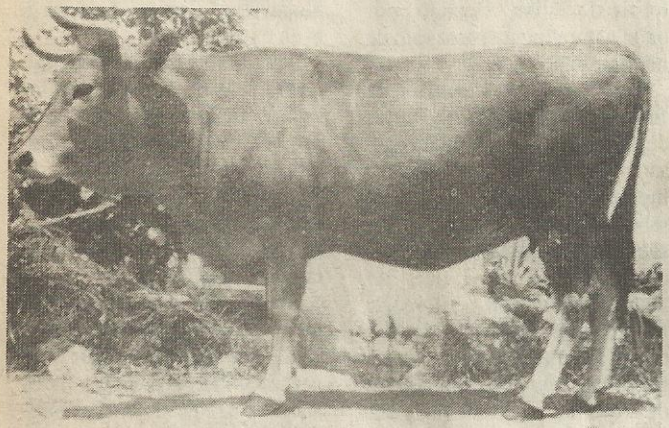


FIGURA 41. — Vaca Arouquesa.

Fotos: Estación nacional portuguesa de cria de ganado

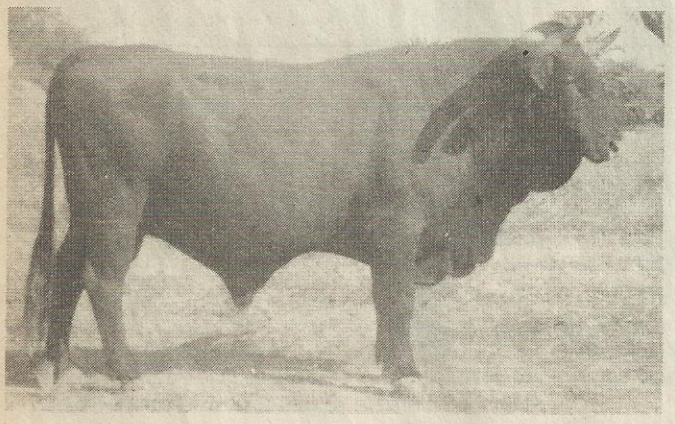


FIGURA 42. — Toro Alentejo.



FIGURA 43. — Vaca Alentejo.

Fotos: Estación nacional portuguesa de cria de ganado.

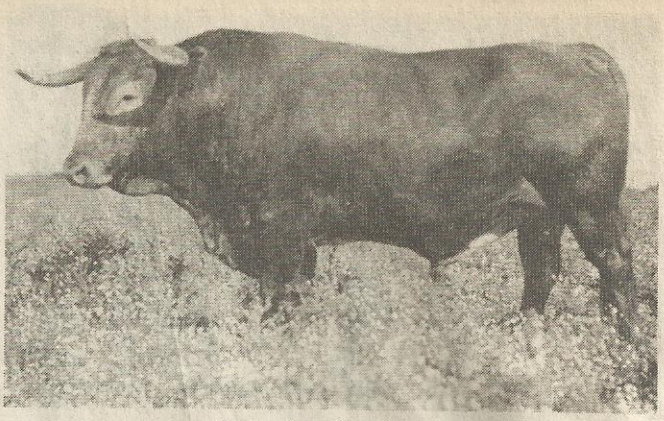


FIGURA 44. — Toro Mertola.

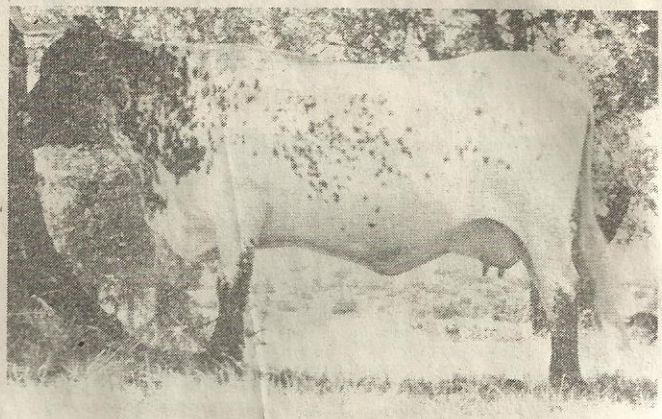


FIGURA 45. — Vaca Mertola.

Fotos: Estación nacional portuguesa de cria de ganado

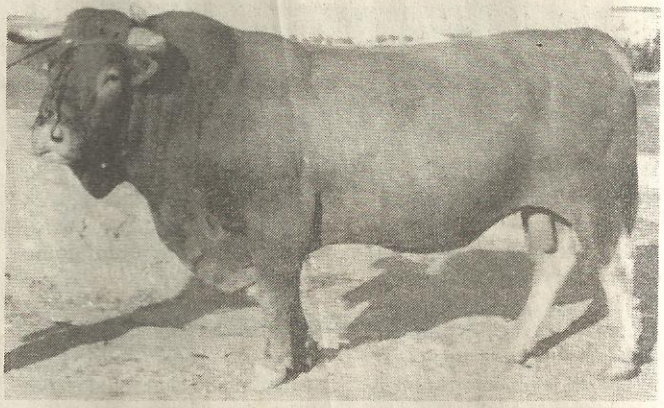


FIGURA 46. — Toro Minho.

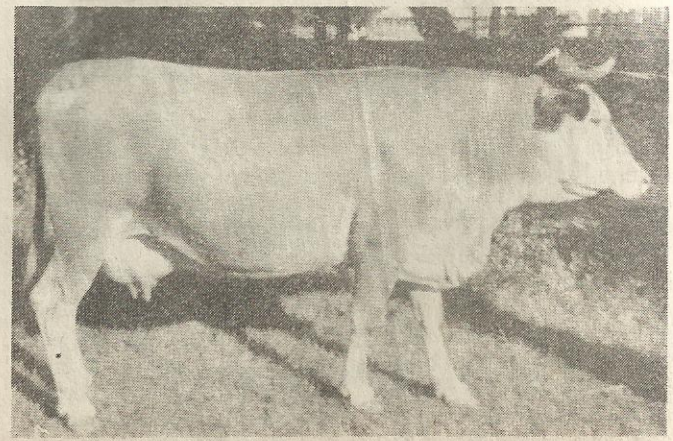


FIGURA 47. — Vaca Minho.

Fotos: Estación nacional portuguesa de cria de ganado.

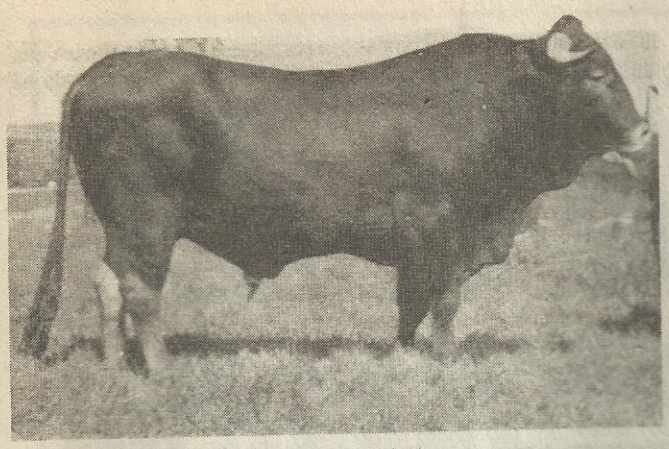


FIGURA 48. — Toro del Algarve.

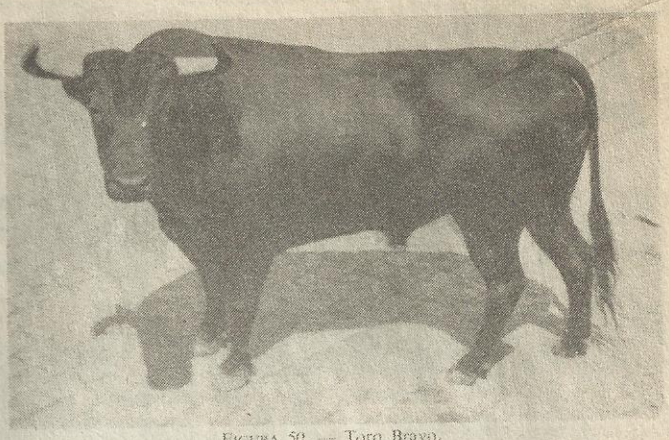


FIGURA 50. — Toro Bravo.

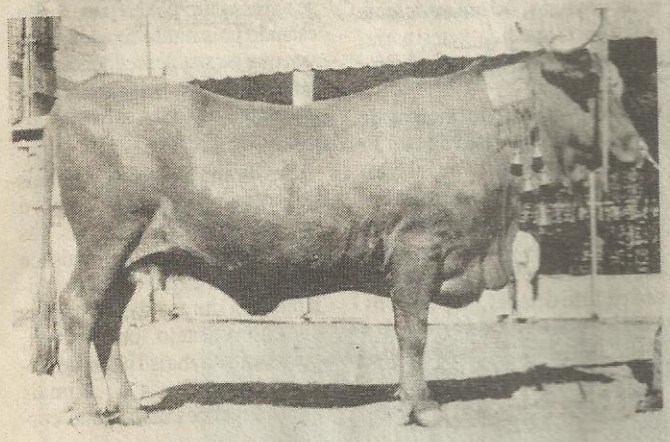


FIGURA 49. — Vaca del Algarve.

Fotos: Estación nacional portuguesa de cría de ganado

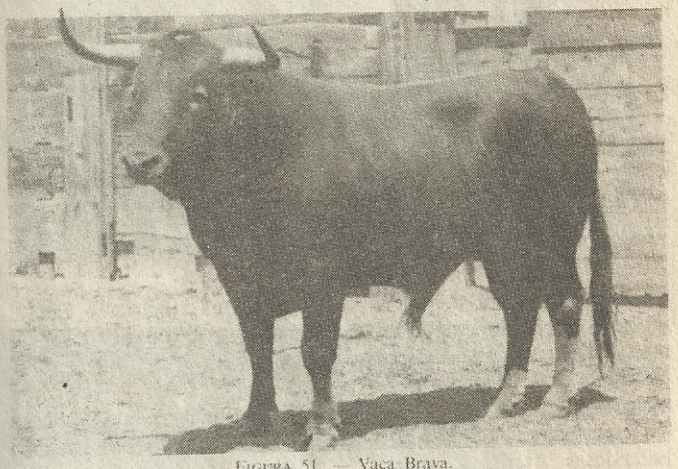


FIGURA 51. — Vaca Brava.

Fotos: Ministerio de Agricultura, Madrid

seus afluentes, como se passava há uns bons cinquenta anos na leziria de Loures ou terras do rio Lizandro.

Hoje em dia, esta linha encontra-se bem localizada nas explorações ganadeiras da lezíria do Tejo, do Sado e Guadiana. É explorada fundamentalmente no Ribatejo e no Alentejo.

Tem como finalidade fornecer os toiros para as corridas, acabando em todos os casos no matadouro. Em vivo, os machos para serem lidados têm pesos entre 450 e 550 kgs. São animais que chegam a dar rendimento em carne de 75% e às vezes aproximando-se mesmo dos 80%.

A par das raças bovinas portuguesas que acabamos de indicar, algumas das quais se encontram em completo desaparecimento, existem hoje em dia raças estrangeiras, importadas directamente pelos serviços oficiais para melhoramento e refrescamento do sangue de animais das mesmas raças e que haviam sido importados directamente pelos interessados e além desses muitos bovinos resultantes do cruzamento desordenado, com finalidades muito diversas. Entre esses há os para aumentar a precocidade, para dar mais corpo e até por vezes tentar maior resistência, o que raramente foi encontrado.

Dessas raças estrangeiras e que em linhas puras têm sido mantidas e multiplicadas, encontramos as de leite, fundamentalmente na região de Aveiro, do Ribatejo e no Alto Alentejo.

As de carne, porém, situaram-se no Ribatejo e no Alentejo, ainda que na Beira Interior um ou outro núcleo tenha sido começado a explorar mas, dada as suas más adaptações aos pastos ou ao clima, naturalmente foram acabando.

Por isso, com algumas raras excepções, os animais estrangeiros explorados no momento são os seguintes:

Leiteiras — Holandesa (animais pretos e brancos e raramente castanho e branco).

Jersey (existe um núcleos muito pequenos e a maioria já muito cruzados).

Schwiz (em muito poucos núcleos, uma vez que foram quase todos suplantados pela raça Frísia).

agripó

Correctivo agrícola fabricado no Alentejo para o lavrador alentejano.
Com reduzidos custos de transporte.
Contacte-nos: Serviços Comerciais (068) 98453
Serviços Técnicos e Análises (01) 9894135

agripó

FABRICO DE CALCÁRIOS CORRECTIVOS, LDA.
Lugar de Cabanas • Bencatel • Vila Viçosa • Telef. 98 453
Contribuinte n.º 501 310 096

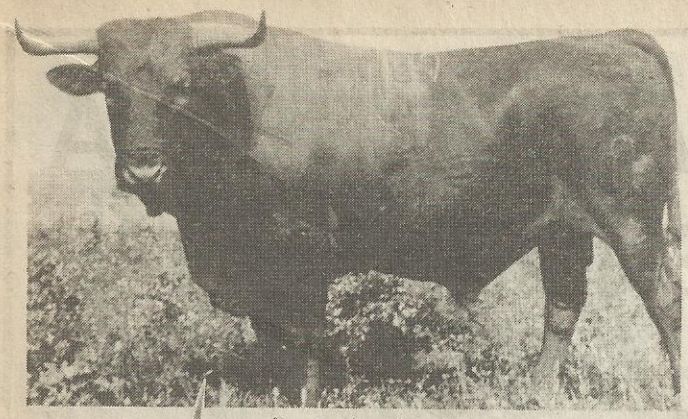


FIGURA 64 — Toro Retinto o Extremeño.



FIGURA 65 — Vaca Retinta o Extremeña.

Frísia (pode dizer-se que, no momento, é raça leiteira de animais de além fronteiras mais espalhada e cruzada com a nossa turina).

Desta raça existem as linhas holandesas, francesa, americana, alemã, inglesa e canadiana.

De carne — Hereford (de origem dos E.U.A., de pelagem castanha e branca e que, em manadio, se adatam muito mal às pastagens ribatejanas, tendo a sua exploração que ser acompanhada com ração suplementar ou seja, como vulgarmente era dito, de andar com a saca da ração atrás para criar carne suficiente para ir para o talho. São animais que se adaptaram mal e que perderam, talvez por isso, a sua precocidade.

Charolesa — (Estes bovinos mantêm-se hoje em dia em perfeito manadio integrados a todas as condições de exploração que Portugal possui. Vêmo-los nas pastagens naturais do sequeiro alentejano e ribatejano. Precisam, contudo, de uma eficiente assistência médico-veterinária, não apenas preventiva mas também curativa.

Saler — (Raça de bovinos de origem francesa, que dizem ter sangue mertolengo ou alentejana. É proveniente de diferentes cruzamentos, mas hoje em dia já fixados de maneira a darem mesmo uma raça que, no seu país de origem, já possui livro de registo de origem).

Limousin — Animais de origem francesa, pertencentes às raças estrangeiras que se adaptaram perfeitamente às condições naturais de exploração portuguesa. É a raça bovina que talvez tenha sido importada há mais tempo.

Santa Gertrudes — Animais de origem americana, que em parte resistem bem às condições de exploração do Alto Alentejo, mas perdem bastante da sua precocidade nas geraçõpes já nascidas no nosso País. Dão boa carne, com bom rendimento de abate, não dando muito corpolentas e não darem por isso carcaças muito pesadas. Contudo, dizem os genetistas portugueses que são animais para cuja raça se apresentam pouco puros, não estando pois muito fixados, uma vez que na sua descendência, no que se refere à pelagem, ela se apresenta de todas as variações e cores.

Sevilhana preta — Animais de origem espanhola, como o seu nome indica oriundas das terras de Sevilha. Animais de muita unha, aguentando perfeitamente a dureza das pastagens do Alto Alentejo, onde talvez, por isso, são mais fixadas e exploradas. Não são animais muito precoces nem muito corpulentos.

** Eng.º agr.º e eng.º silv.*

CAPINE

Cooperativa Agro-Pecuária Industrial Nova Esperança, C.R.L.

SENHOR AGRICULTOR...

Se explora pecuária, rentabilize a sua exploração com uma das culturas mais rentáveis do mundo

PRODUZINDO HUMUS DE MINHOCA

SENHOR AGRICULTOR...

Invista com segurança
Avance sem medo na minhocultura
A minhocultura dar-lhe-à segurança económica

TODA A PRODUÇÃO TEM COLOCAÇÃO GARANTIDA

Não hesite

Contacte-nos para todas as informações sobre **MINHOCULTURA**

Temos uma das maiores explorações de Minhocultura do País

EXPLORAÇÃO:
Monte do Rochão — LADOEIRO — Telefone: 077-9 22 40
6060 Idanha-a-Nova

SAPEC

ADUBOS

ADUBOS SIMPLES
- AZOTADOS
- FOSFATADOS
- POTÁSSICOS

ADUBOS COMPOSTOS E COMPLEXOS
- BINÁRIOS
- TERNÁRIOS

PARA TODOS OS SOLOS E TODAS AS CULTURAS

ESCRITÓRIO
Rua Victor Cordon, 19 — 1200 LISBOA
Apartado 2349 — 1108 LISBOA CODEX
Telex: 12335 — Telefone: 360715

FÁBRICA E ESCRITÓRIO
Apartado 11 — 2901 SETÚBAL CODEX
Telex: 17102 DAPEC
Telefone: 29171